

A Fauna portuguesa do livre-pensamento

Variedade das espécies—Tentativa frustrada—A corrupção dos intelectuais—Fôra a máscara—Um episódio em Espanha

I

A falhada tentativa feita pelo incompreendido filósofo L. C. —comissionaire da reacção clerical—para introduzir o ensino religioso nas escolas, veio pôr em foco as variadas espécies que constituem a fauna portuguesa do pseudo Livre Pensamento.

O observador que, desde 1910, tenha acompanhado atentamente a evolução rilhafolesca efectuada desde aquela data, deve ter constatado, certamente, que, sendo restrita numericamente, a fauna é rica em variedade de espécies.

A mais importante pelo número de indivíduos é aquela espécie que em 1910 pensava pela barba em bico do sr. Afonso Costa, e em 1923 pelo barrete presidencialista do cardeal Locatelli; isto é, que não pensa coisíssima nenhuma pela simples razão de, para isso, lhe faltar a matéria prima, falta que, ao inverso da teoria dos cínicos repletos—«a religião necessária como um bridade para conter a fera»—constitue uma garantia de segurança pessoal.

Menos numerosa sem deixar de ser importante, é a espécie que pensa pelo decreto da expulsão de 1759—fôra o jesuita!

A seguir temos a que pratica os mandamentos da igreja tam sómente do baptismo, matrimónio e funeral.

Segue-se a que pratica todos os mandamentos excepto o da confissão; a que não observa nenhum dêles mas que, por escrúpulo de consciência, se abstém de comer carne na chamada semana santa.

Outras espécies ainda existem de coloração não menos pitoresca, como por exemplo: a que pratica para honrar a memória dos seus progenitores, lastimando que os candidatos a tonsura não sejam obrigados, por lei, ao sacrifício de Abelard, em nome da moral.

A tentativa a que venho de referir-me pôs em destaque, principalmente, uma espécie de representação minima por que seleccionada, espécie até então... como direi? de fábrica coberta, e que nesse momento se descobriu. A espécie da elite intelectual dos super-homens.

A tentativa, cujo falhanço evidenciou a existência de uns restos de bom senso na fauna livre-pensadora, e uma perspicácia *Leontesina* no cardeal recém-enarapuçado, teve esta vantagem: arrancar a máscara aos tartufos da imprensa do regime que, ao toque da sineta puxada pelo Guardião, acorreram ao côro entoando a ladainha da pacificação.

Era de esperar visto que já por mais duma vez haviam deixado transparecer a ligação, o compromisso tomado com a reacção clerical.

Os super-homens da «Seara», porém, havidos para um certo número de indivíduos como uma espécie de vestais, oráculos a consultar sobre os problemas de grande transcendência, os super-homens da «Seara» é que eu supunha, pelo menos, mais inteligentes. Pois também caíram na rede. Que miséria!

Quando eu observo um homem de barbas brancas subir a um estrado, despir o jaquetão, arregasar as mangas da camisa, cuspir nas mãos e empunhar uma pena como se fosse um cajado para escrever: «Isto é um país de burros», envergonho-me de o confessar mas sinto que êle tem razão.

Os super-homens da «Seara» invocaram, para justificação do ensino religioso nas escolas, argumentos desta solidez:

O sr. António Sérgio.—«O filósofo Leonardo Coimbra é pelo ensino religioso; mas suponhamos que o não era. O seu papel, como ministro, seria permitir o ensino religioso nas escolas particulares; e, como filósofo, convencer pela palavra os pais de família portugueses a não se servirem da permissão que, como ministro, lhes concedia. Alguém objectou-nos: entende então v. que o Estado não pode proibir, por exemplo, o uso do álcool? Ao que nos parece, não há similaridade entre os dois casos. Está cientificamente provado que o uso do álcool é nocivo aos cidadãos: causa um prejuízo certo, muito grave, materialmente verificável. Não está provado, pelo contrário, que a religião católica, a

música de Debussy, a filosofia de William James, a teoria de Einstein, causam prejuízos do mesmo teor. Além disso, ninguém nasce com a necessidade do álcool, com a bossa da aguardente, com a tendência inata, normal, irresistível, para o alcoolismo; ao passo que o misticismo é uma tendência mata, normal, irresistível, de muitos homens».

O sr. Raúl Proença.—«Cremos ser inútil dizer ao leitor que não somos católicos. Somos profundamente e indefectivelmente ateus. Casámos só civilmente e só civilmente registámos os nossos filhos—ao contrário de muito ateu furibundo que desejaria ver os padres a assar nas fogueiras. Cremos mesmo que grande parte do recrudescimento católico que para aí vai se deve atribuir a lamecha sensiblerie ou a um snobismo sem convicções. Isso não nos impede, porém, de praticarmos a maior tolerância para com os que pensam diferentemente de nós. A tanto nos obriga a nossa fé republicana. Pomos no mesmo nível a intolerância dum Fernando de Sousa e a dos sócios do Registo Civil. E somos compelidos a dizer que, sendo implacáveis adversários dum, não nos podemos considerar como correligionários dos outros... Donde se deduz a evidência que damos a nossa inteira adesão à proposta de Leonardo Coimbra sobre o ensino religioso».

O argumento de:—como filósofo, o ministro convencer pela palavra os pais de família portugueses a não se servirem da permissão que, como ministro, lhes concedia—é uma chuchadeira de senxabida e, como tal, à margem da discussão.

Não está provado, para o sr. Sérgio, que a religião católica cause prejuízo. Não está para o super-homem da «Seara-Nova», mas está-o para milhares de homens: historiadores, cientistas, filósofos, literatos, etc., e os documentos comprovativos abundam nas bibliotecas e nos museus do velho e novo mundos.

Se não atingiu a craveira dos super-homens—espécie que não existia no seu tempo—creio que Miguel Bombarda foi alguém, em Portugal, nos domínios da biologia e da psiquiatria.

Pertencem ao seu livro «A consciência e o livre arbítrio», os trechos a seguir...

«Milhares de séculos teem passado depois que o homem marcou a sua primeira pégada na terra. O seu espirito tem-se iluminado. Aleluia de sciência lhe teem rasgado as trevas da intelligência. Um mundo de factos tem sido conquistado, leis aos milhares teem sido reveladas. E o homem ainda vive de crenças e superstições, como nos primitivos tempos da sua existência».

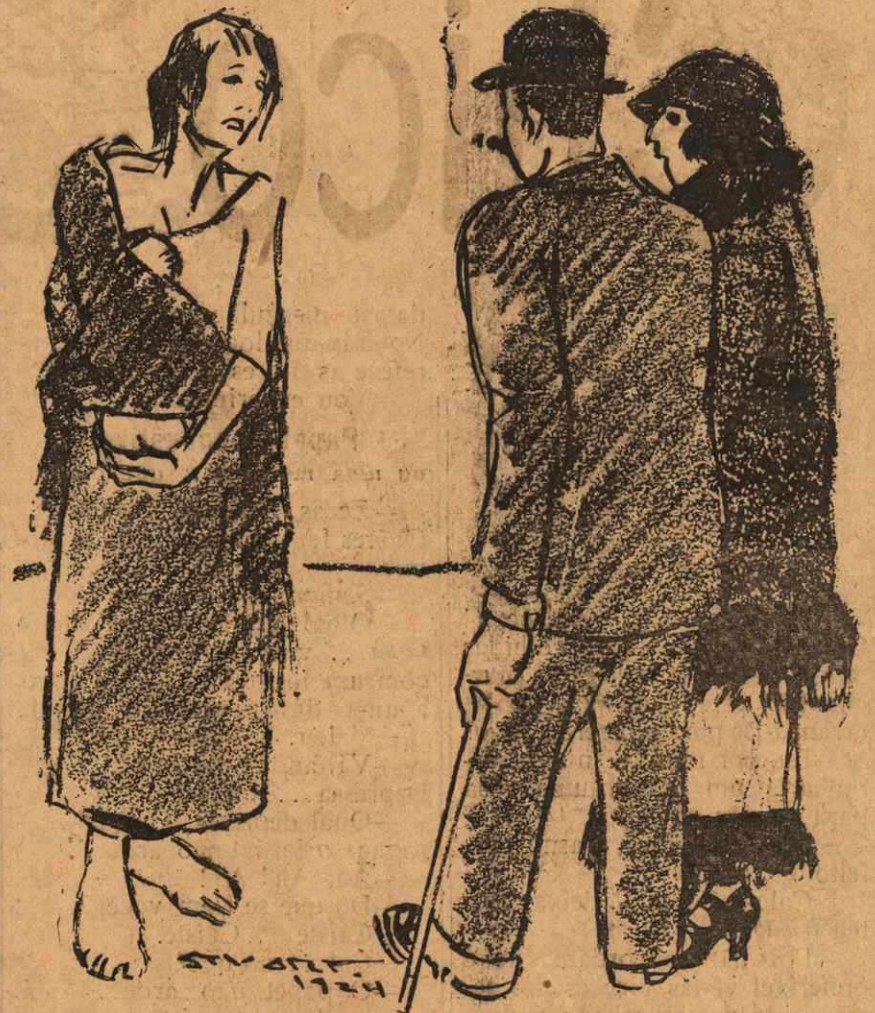
«A alma é uma questão de crença, diz-se. Mas é crença que tem invadido os domínios da sciência. É crença que tem arrojadamente impedido mais largos desenvolvimentos scientificos. É crença que, inquinando cérebros e enchendo-os de preconceitos, tem levantado muralhas por tanto tempo inabaláveis a territórios que a sciência decididamente reclama para si».

«O progresso da humanidade não está só em fazer aquisições que vão servir às suas comodidades materiais. O progresso também está em fazer cérebros, em impregná-los de noções positivas, em mostrar-lhes as únicas fontes de verdade, em extirpar superstições e erros, crenças e abusões».

«Eduquemos pois os cérebros. Não os deixemos cair nas trevas e na barbaria. Eduquemo-los na independência, na liberdade, na consciência da dignidade do ser humano. Saibamos ser os intellectuais e não abdiqemos do nosso direito de, por nós próprios, examinar e deliberar. Haja crises, haja perturbações, politicas ou sociais, que importa! Cérebros educados são a garantia intellectual das gerações vindouras».

«A noção da fatalidade das acções hu-
maus importa desde logo uma nov

PROPAGANDA NEOMALTUSIANA...



—Tenho seis filhos e vejo-me na miséria...
—Que culpa tem a gente disso? Não os tivesse... Ricos somos nós e não temos filhos.

moral. Não é a moral católica que vê bons a todos os meios quando teem a Deus por fim, desde a maeração dos corpos até a aniquilação das intelligências, desde o espanto das guerras até ao clarão das fogueiras».

Em conversação, ha quinze anos, numa cidade espanhola, com uma senhora dessa nacionalidade, relatou-me ella, partilhando o seu desgosto, o episódio havido num matrimonio das suas relações, com meios de fortuna e tendo sómente uma filha, que os pais estremeiam como é natural, a qual resolvera professor, sendo totalmente inúteis os conselhos, as observações de um, os rogos, as lágrimas e os soluços de outra para a demoverem do seu obstinado propósito.

—Eis um desgosto de que eu estou isento—observei à minha interlocutora.

—O diagnóstico é arbitrário, visto que tem uma filha—replicou-me duvidando.

—Não tenho uma, tenho duas; e não obstante insisto na minha afirmativa.

Nova réplica fundamentada numa série de considerações que destruí com este simples informe:

—E' que as minhas filhas foram educadas fóra do grémio da Igreja; por isso...

—Dios mio! Que atrocidade!—Exclamou assombrada a piedosa criatura.

—Será o que v. ex.^a quizer, minha senhora, que neste momento me absteinho de discutir mas que, como já está convencida, me isenta do enorme desgosto sofrido pelo matrimonio que v. ex.^a lastima e eu igualmente porque o avalio.

«Eduquemos pois os cérebros» —aconselhava Miguel Bombarda, há 25 anos, aos professores e intellectuais de então.

Que les temps sont changés!
Mais inteligentes, mais profundos em sciência e filosofia, mais respeitadores das crenças de cada um, os super-homens da hora presente reclamam o ensino religioso nas escolas!

E se o panfletário de «O de Aveiro» acrescentasse ao seu repetido axioma: —e de jesuitas?—Que lhe parece?

Que é indefectivelmente ateu, afirma o sr. Raúl Proença. Não conheço s. ex.^a mas sou informado que, embora já catedrático na olimpica Universidade dos

super-homens, está ainda em plena mocidade; por isso, acho algo arriscado aquele adverbio tracejado pela sua pena. Faço votos para que o repita daqui a vinte anos.

Outra afirmação de s. ex.^a, mas essa positiva, indestrutível;—que casou só civilmente e só civilmente registou os seus filhos. — Não acrescentou o sr. Proença, mas seria um contrasenso da parte de s. ex.^a recusar-me a autorização de poder fazê-lo eu,—que ministra a seus filhos uma educação absolutamente laica,—neutra, ou como queira chamar-lhe.

Armado com essa autorização, julgo-me no direito de inquirir do sr. Proença qual o critério a que obedece o seu sistema. O snobismo, o modernismo, a sugestão, a rotina, brigando com a capacidade intellectual do consagrado redactor da «Seara Nova», resulta que s. ex.^a não ministra o ensino religioso a seus filhos porque o classifica de: imperfeito, impróprio, imprudente, imoral, detestável, abominável, monstruoso? Precise s. ex.^a o adjectivo e depois dir-lhe-ei que, applicando-o à educação de seus filhos, *ipso facto* estabelece uma regra geral; e que da mesma forma que um juiz togado, o professor, o educador que se serve de dois pesos na balança da educação, comete uma falta gravissima, senão um verdadeiro crime!

Se a lógica ainda não emigrou dêste país de... e de jesuitas.

URSUS.

* Hugo G. Wills, o célebre novelista inglez, conta a história de um velho barqueiro, excessivamente surdo, que se encontrava, de uma feita, em pleno exercício das suas funções, quando perto do barco, naufragou uma lancha a gazolina, por ter abalroado com um tronco que descia levado por enorme corrente. Os naufragos gritavam, chamando por socorro, e como não fossem atendidos pelo barqueiro, resolveram pôr em prática todos os seus conhecimentos de natação. Não foi sem grandes lutas com as águas que, por fim, conseguiram aproximar-se da pequena embarcação, para onde entraram.

—Porque não nos prestaste auxilio?—preguntou um dos naufragos.—Não vias que corriamos imminente risco?

—Sim—replicou o barqueiro, depois do interlocutor haver repetido, várias vezes, a pergunta—Eu os vi pres-tes a afundar; pensava porém, que se tratava de um submarino.